

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM

**GEOCORRENTE**

ISSN 2446-7014



## **Adesão da Finlândia e da Suécia à OTAN e as relações de poder no norte da Europa**

ESTE E OUTROS 09 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

# BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 162 • 26 de maio de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Exercício da OTAN no Mar Báltico](#)

Por: Johannes Schmidt

Fonte: ADN America

## CONSELHO EDITORIAL

### DIRETOR DA EGN

Contra Almirante João Alberto de Araujo Lampert

### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

### EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

### EDITOR EXECUTIVO

Capitão-Tenente Bruno de Seixas Carvalho (University of Birmingham)

### EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

### TRADUÇÃO E REVISÃO

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio (UFRJ)

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/  
RJ - Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



**ÁFRICA SUBSAARIANA**

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)  
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)  
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)  
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)  
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)  
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)  
Vivian de Mattos Marciano (EGN)

**AMÉRICA DO SUL**

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)  
Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (EGN)  
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)  
Luciano Veneu Terra (UFF)  
Matheus Souza Galves Mendes (EGN)  
Otávio Brasileiro Pires de Camargo (UNESP)  
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

**AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL**

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)  
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)  
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)  
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)  
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)  
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

**ÁRTICO & ANTÁRTICA**

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)  
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)  
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

**EUROPA**

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)  
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)  
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)  
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

**LESTE ASIÁTICO**

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)  
João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)  
Júlia Elias Teodoro Santos Pereira (UFRJ)  
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)  
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)  
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)  
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)  
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFRJ)  
Thomas Dias Placido (UFSC)

**ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

Adel Bakkour (UFRJ)  
Amanda Neves Leal Marini (ECEME)  
Dominique Marques de Souza (UFRJ)  
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)  
Melissa Rossi (Suffolk University)  
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

**RÚSSIA & EX-URSS**

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)  
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)  
Pedro Mendes Martins (ECEME)  
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)  
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

**SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)  
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)  
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

**SUL DA ÁSIA**

Eduardo Araújo Manguera (UFRJ)  
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)  
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)  
Lucas Mitidieri (UFRJ)  
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

**TEMAS ESPECIAIS**

Alessandra Dantas Brito (EGN)  
Bruno Gonçalves (UFRJ)  
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)  
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)  
Raquel Torrencilha Spiri (UNESP)



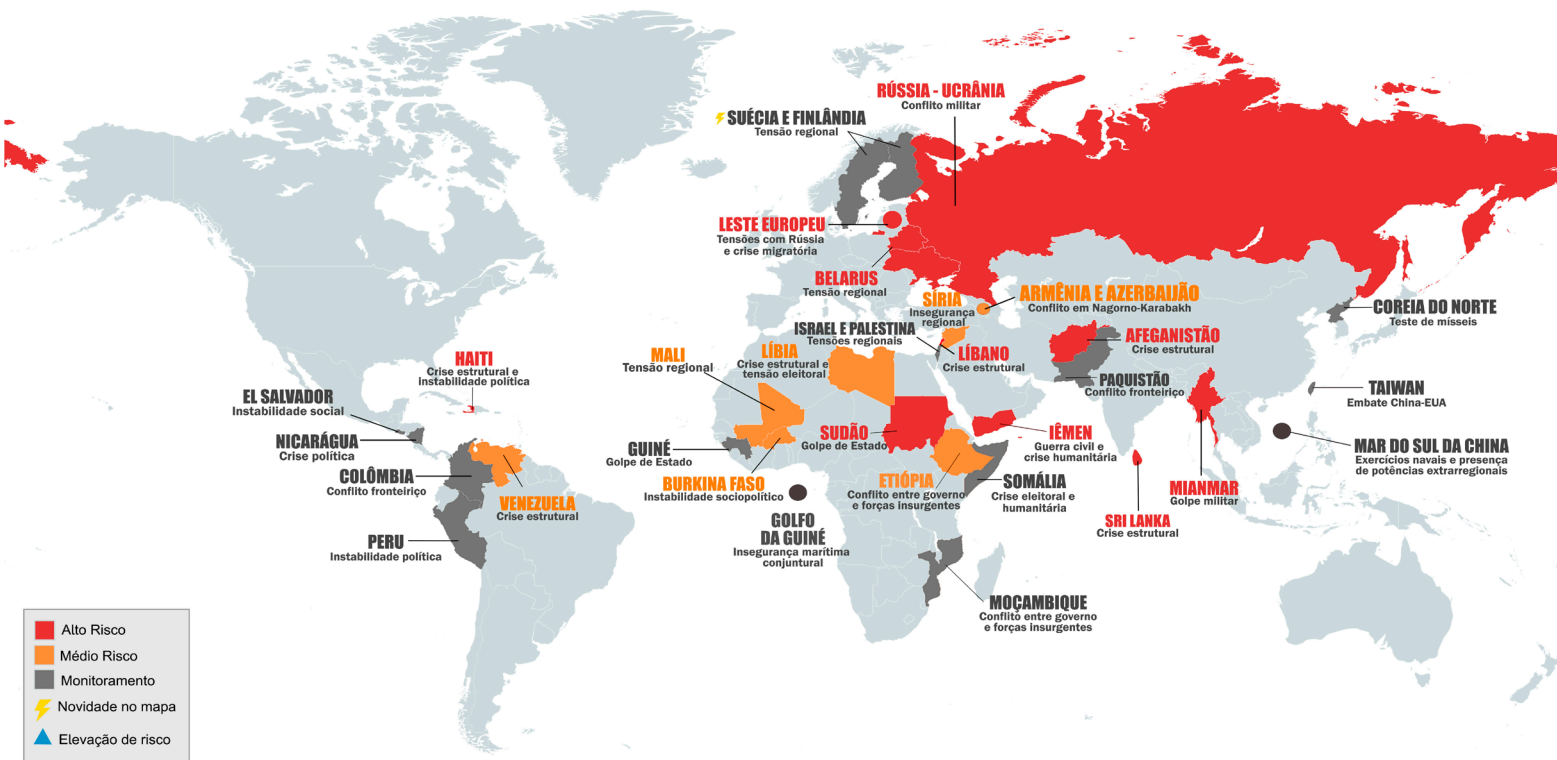
# ÍNDICE

<p><b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b></p> <p>Queda das sanções? O caso dos Estados Unidos e da Venezuela ..... 5</p> <p><b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b></p> <p>Malexit: o fim do G-5 do Sahel? ..... 5</p> <p><b>EUROPA</b></p> <p>Adesão da Finlândia e da Suécia à OTAN e as relações de poder no norte da Europa ..... 6</p> <p><b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b></p> <p>A insegurança alimentar no Oriente Médio com o conflito na Ucrânia ..... 7</p> <p><b>LESTE ASIÁTICO</b></p> <p>O “Escudo de Silício” Taiwanês e seu poder de dissuasão ..... 8</p> <p>O novo míssil hipersônico chinês e suas principais implicações ..... 9</p>	<p><b>SUL DA ÁSIA</b></p> <p>Índia e Austrália assinam acordo de parceria econômica estratégica ..... 10</p> <p><b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b></p> <p>O Ártico descarbonizado: a geopolítica da transição energética em Svalbard .... 10</p> <p>A Consolidação da Política Antártica Indiana ..... 11</p> <p><b>TEMAS ESPECIAIS</b></p> <p>Cibersegurança: instrumento de projeção regional iraniana ..... 12</p> <p>Artigos Selecionados &amp; Notícias de Defesa..... 14</p> <p>Calendário Geocorrente..... 14</p> <p>Referências..... 15</p> <p>Mapa de Riscos..... 16</p>
--	--

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 16.

## Queda das sanções? O caso dos Estados Unidos e da Venezuela

Victor Cabral

A elevação do preço do petróleo no mercado internacional é reflexo do conflito na Ucrânia e dos embargos estadunidenses e europeus ao combustível russo. A situação recolocou em evidência países alternativos para suprir a demanda global. Dentre estes, destaca-se a Venezuela, detentora da maior reserva de petróleo do mundo. Em 17 de maio de 2022, o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos (EUA) aventou a possibilidade de arrefecer as sanções impostas a Caracas nos últimos anos para facilitar o comércio de petróleo, pretendendo conter o processo inflacionário internacional. Sendo assim, como essa postura estadunidense contribui para a estabilidade política venezuelana?

Em 2019, os Estados Unidos impuseram contundentes sanções ao governo de Nicolás Maduro devido às violações de Direitos Humanos, desrespeito às pautas da democracia liberal em sua gestão, perseguição de opositores políticos e uma controversa reeleição presidencial no final de 2018. A crise estrutural já existente acentuou-se, repercutindo na intensa diáspora de venezuelanos pelo continente americano e na vulnerabilidade do Estado aos efeitos socioeconômicos da pandemia de COVID-19. Entretanto, desde março de 2022, devido à inflação do petróleo, Washington voltou a negociar com Caracas, visando o retorno das explorações e exportações dos hidrocarbonetos, contornando os

prejuízos econômicos ocasionados pelo embargo russo.

Espera-se que o arrefecimento das sanções permita que as petroleiras *Chevron* (EUA), *Eni* (Itália) e *Repsol* (Espanha) possam explorar e exportar petróleo sem reverses econômicos, mas com o desafio de não melhorar as contas públicas de Maduro, para não fortalecer a sua posição de poder no país. Ademais, a oposição venezuelana, liderada por Juan Guaidó, espera que a medida facilite o retorno das rodadas de negociações com o governo ocorridas no México e mediadas pela Noruega ([Boletim 147](#)), bem como reformas democráticas que possam melhorar a qualidade de vida dos venezuelanos, além da promoção de uma eleição presidencial segura e confiável em 2024.

O governo estadunidense pretende reforçar a oposição venezuelana, ao mesmo tempo em que tenta facilitar a negociação com Nicolás Maduro para sua saída do poder, impulsionando uma melhora no cenário da crise estrutural vigente. Nesse sentido, há um propósito de médio e longo prazo do eventual arrefecimento das sanções que ultrapassa a atual situação inflacionária internacional. Apesar da reaproximação de Washington e Caracas e as dúvidas quanto ao futuro do setor petrolífero, a CEPAL projeta um crescimento econômico de 5% para o país em 2022, alavancado pela alta do petróleo, porém insuficiente para repor as profundas perdas dos últimos anos.

DOI 10.21544/2446-7014.n162.p05.

## ÁFRICA SUBSAARIANA

## Malexit: o fim do G-5 do Sahel?

Franco Alencastro

Representantes do Mali anunciaram, em 15 de maio de 2022, a saída do país do G-5 do Sahel. A decisão representa um revés significativo da política externa francesa para a África. A atual crise teve início quando o Mali foi proibido de assumir a presidência do grupo, o que ocorreria na reunião de cúpula do G-5 em Bamako, marcada para fevereiro desse ano, mas postergada devido à crise política do Mali. O governo do país definiu a paralisação institucional do grupo devido à “manobras causadas por um Estado externo à região”, em evidente referência à França, que nos últimos meses aumentou o tom das críticas ao governo do coronel Assimi Goita.

Criado em 2014, o grupo é uma organização de cinco países francófonos da região do Sahel – Burkina Faso, Chade, Mauritânia, Níger e o Mali – voltado para

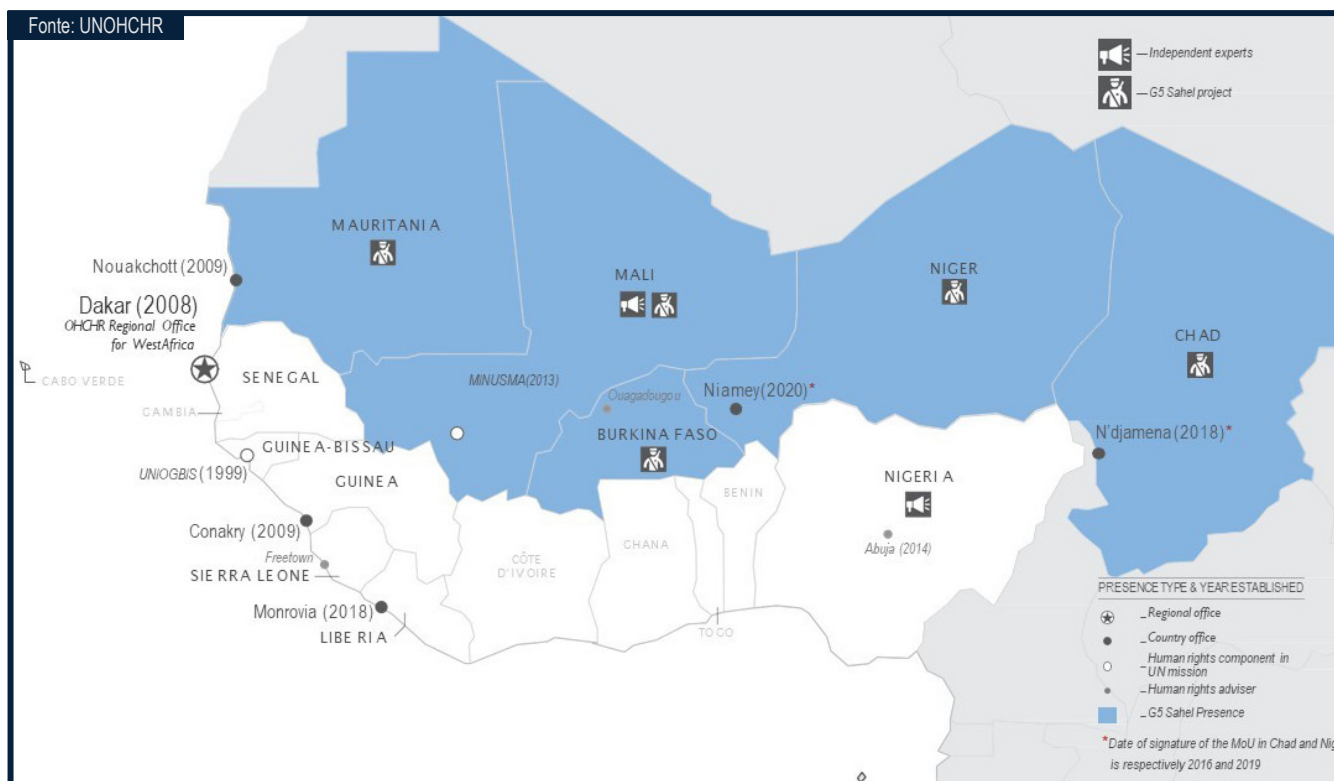
o fortalecimento da cooperação na área de defesa no contexto da Operação *Barkhane*, organizada pela França para combater grupos extremistas islâmicos na região do Sahel. Em 2017, o G-5 criou uma força conjunta de enfrentamento ao extremismo, representando um marco na cooperação em defesa e segurança na África.

Desde então, o organismo vem sofrendo com problemas, indo desde a falta de financiamento até a reticência do maior patrocinador do G-5, a França. O presidente francês, Emanuel Macron, cuja política para a África defende uma redução do envolvimento militar francês, anunciou o fim da Operação *Barkhane* para 2022. A saída do Mali, por sua vez, amplia as dificuldades logísticas do grupo: não somente o Mali é o epicentro das atividades extremistas da região, como sua saída isola a

Mauritânia dos demais integrantes do grupo. Não por acaso, o presidente do Níger, Mohamed Bayoum, definiu a decisão maliana como a “morte” do G-5 do Sahel.

O maior beneficiário da decisão maliana é, mais uma vez, a Rússia, que está envolvida no conflito por meio da

atuação do Grupo Wagner ([Boletim 158](#)). A cooperação entre os dois países se expandiu recentemente também na área econômica, com Moscou prometendo, em 20 de maio de 2022, o fornecimento de trigo, petróleo e fertilizantes ao país africano.



DOI 10.21544/2446-7014.n162.p05-06.

## EUROPA

### Adesão da Finlândia e da Suécia à OTAN e as relações de poder no norte da Europa

*Victor Magalhães Longo*

A Europa passa por um momento de instabilidade geopolítica desde o início do conflito russo-ucraniano, o que fez com que vários países reavaliassem suas políticas externas de segurança. Nesse contexto, Finlândia e Suécia recentemente formalizaram seus pedidos de adesão à OTAN, o que desagradou o governo russo, ameaçando retaliações. É relevante, portanto, observar quais seriam as possíveis consequências dessas adesões à Aliança e implicações para a segurança na região da Escandinávia.

Em relação a suas capacidades militares, Estocolmo e Helsinque estão plenamente capacitadas para se juntar à OTAN, já que a parceria de longa data com a Aliança resultou numa alta interoperabilidade das forças e semelhança de equipamentos. O fator que impedia que essas adesões tivessem ocorrido anteriormente era o cálculo de que o ato seria visto como uma provocação contra a Rússia, com poucos ganhos políticos às duas nações nórdicas. Contudo, a invasão da Ucrânia apontou, especialmente à Finlândia, que compartilha com a Rússia

uma fronteira de 1.340 quilômetros, que sua integridade territorial poderia estar ameaçada, e que a OTAN seria a melhor maneira de garantir sua defesa.

Embora essa decisão seja condenada pelo governo russo, cuja política externa acabou por estimular o avanço da OTAN para próximo de suas fronteiras, ao invés de evitá-lo, a região nórdica não parece ser tão crítica para a estratégia de defesa de Moscou como é a Ucrânia. Por isso, é razoável admitir que os russos atualmente não estariam dispostos a entrar em mais um conflito para impedir tais adesões. O que se espera na prática é uma retaliação russa a partir da intensificação das atividades da sua Esquadra do Báltico e possíveis ataques não convencionais, como os cibernéticos e de desinformação. Ainda que em pequena escala, essas possíveis ações são um ponto de atenção, podendo representar ameaças à segurança regional.

Portanto, caso se confirmem as adesões desses países capacitados tecnologicamente, haverá um aumento do poder dissuasório da OTAN no Mar Báltico, que

contribuirá para conter o avanço russo sobre a Europa. Porém, essas mudanças provavelmente terão um efeito dual na segurança da Escandinávia: por um lado, se espera certa instabilidade decorrente de um possível aumento da presença das forças militares russas na região, assim como possíveis ataques não convencionais, especialmente os cibernéticos. Por outro, a garantia de

assistência da OTAN em caso de ataque contra esses dois países oferece uma possibilidade de maior segurança à região. A Suécia, inicialmente, se opõe à instalação de bases da OTAN e de armas nucleares em seu país. Assim, a decisão encerra uma neutralidade histórica da Suécia e da Finlândia em relação a Rússia.



DOI 10.21544/2446-7014.n162.p06-07.

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

### A insegurança alimentar no Oriente Médio com o conflito na Ucrânia

Isadora Novaes

O conflito na Ucrânia retomou a apreensão internacional que alguns países em risco alimentar apresentam quadros críticos de fome ou desabastecimento. Nesse sentido, o Oriente Médio possui diversos países com situação delicada de segurança alimentar, por acumularem tanto a existência de conflitos e crises humanitárias quanto as desvantagens climáticas de suas condições naturais. De que maneira o conflito na Ucrânia afeta a segurança alimentar da região?

Sendo uma região por ter clima desértico de baixa pluviosidade, a dependência da importação de alimentos implica que mudanças no sistema internacional podem acarretar ausência de produtos básicos ou aumento nos preços, situação vista no embargo soviético nos anos 1970 e na pandemia de COVID-19. Nesse contexto, há uma distinção: países com mais recursos econômicos correm menos riscos. Por exemplo, os Emirados Árabes Unidos (EAU) têm 90% dos alimentos provenientes do exterior, mas os altos custos são suportados pelas receitas do robusto setor petrolífero. Essa alternativa não existe

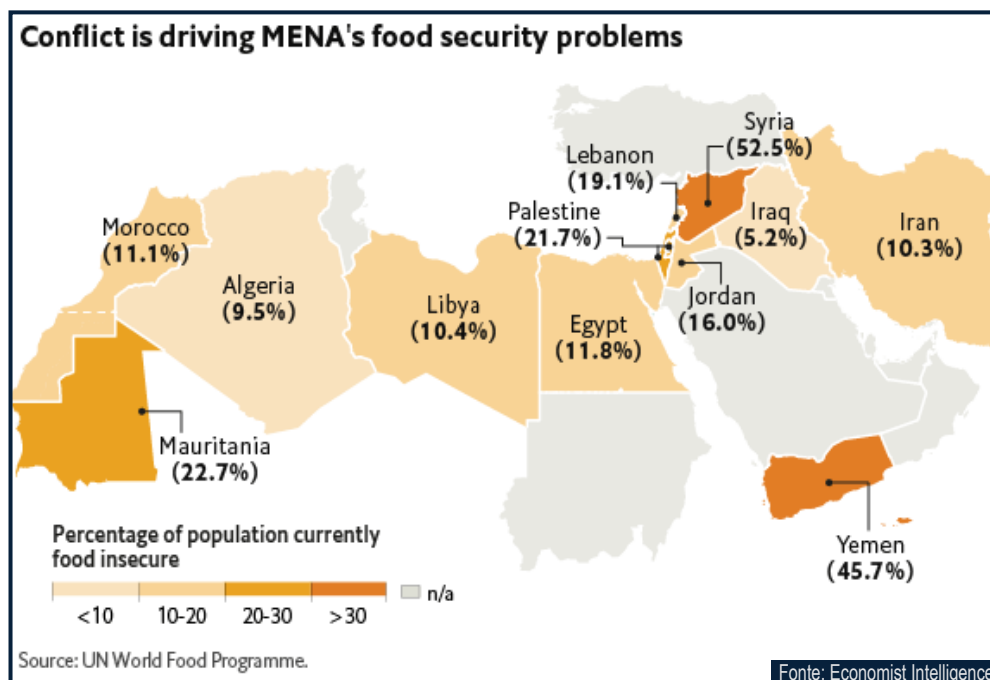
no Líbano, que importa 50% de seu trigo da Ucrânia e da Rússia e viu o valor da cesta básica aumentar em 351% no último ano (FAO, 2022). Ainda que as possibilidades dadas por recursos seja uma retórica evidente, é importante explorar os porquês dessa diferença. Mais do que usar recursos para pagar pontualmente pelos elevados preços internacionais, há outras medidas tomadas por alguns países que sinalizam maior preparação para crises constantes.

Desde os anos 1990, nações como Arábia Saudita, EAU e Omã se planejam para crises eventuais: aumentaram suas capacidades de armazenamento e tecnologias para aprimorar suas agriculturas. O Catar, que sofreu com embargos na crise do Golfo (Boletim 118), investiu na criação de bovinos e, em poucos anos, observou sua dependência de carnes e leite despencar. Ainda assim, a parcela de terra agricultável no Golfo não ultrapassa 2%. A solução, então, foi adquirir terrenos agricultáveis em países africanos como Quênia e Etiópia. No entanto, essas soluções não são viáveis para países

como Iêmen, Líbano e Síria. Com moedas desvalorizadas e crises internas, eles dependem de projetos internacionais para ter acesso a alimentos, como o Programa Alimentar Mundial, afetados pelos preços do mercado.

Dessa maneira, percebe-se que a crise na Ucrânia afeta a segurança alimentar dos países do Oriente Médio

de maneiras diferentes. Os países com mais recursos se preparam há mais tempo e possuem diversas opções para enfrentar esses períodos; já os que não possuem, dependentes de ajuda internacional, sofrerão mais com alterações de preço ocasionadas pelo conflito, sendo provável o agravamento da fome.



DOI 10.21544/2446-7014.n162.p07-08.

## LESTE ASIÁTICO

### O “Escudo de Silício” Taiwanês e seu poder de dissuasão

Júlia Elias

A indústria de semicondutores taiwanesa tem um importante papel geopolítico, pois tanto os Estados Unidos (EUA) quanto a China são altamente dependentes desta. Peça importante para essa dominância taiwanesa é a *Taiwan Semiconductor Manufacturing Co* (TSMC), empresa que sozinha corresponde a 1/5 da produção de chips mundiais e a 90% do fornecimento de chips avançados, itens importantes para a produção de aparelhos digitais de alta tecnologia e até mesmo armamentos (Boletim 135). Pensando na relevância da indústria taiwanesa, nos anos 2000, o jornalista Craig Addison cunhou o termo “escudo de silício” para argumentar que a capacidade de produção de chips de Taiwan pode dissuadir a China de uma invasão à ilha e garantir a proteção dos EUA. Mas tal “escudo”, realmente possui potencial o bastante para proteger a ilha de forma permanente e duradoura?

Analistas apontam que é provável que não, pois tanto a China quanto os EUA têm investido pesado para alcançar independência em chips semicondutores. A China já é o terceiro maior produtor mundial destes e tem atraído talentos taiwaneses para sua indústria. Nesse ramo, porém, é difícil estar sempre a par e atualizado, e

especialistas indicam que a China está 10 anos atrasada em relação a Taiwan. É plausível, no entanto, que Pequim obtenha sucesso em algum momento, levando em conta a quantidade de recursos que possui e investe. Se bem-sucedida, isso significaria menor vulnerabilidade a pressões dos estadunidenses e de outras potências.

Já os EUA possuem um acordo com a TSMC para a construção de uma fábrica de semicondutores avançados para produção em 2024 e anunciou um investimento de US\$ 52 bilhões para a recuperação de sua própria indústria. Ademais, sua maior fabricante, a Intel, está na corrida para se tornar a mais avançada produtora mundial de chips novamente. Caso os EUA alcancem seus objetivos, isso tornaria a ilha menos crucial para a potência ocidental, que poderia se tornar menos comprometida a manter a segurança no estreito de Taiwan.

Felizmente, para Taiwan, tanto os EUA quanto a China ainda têm um longo caminho a percorrer. No entanto, a independência em semicondutores das duas nações é uma possibilidade. Assim, com o gradual enfraquecimento do seu “escudo de silício”, a segurança taiwanesa ainda precisa ser suplementada com outros meios, aprimorando sua capacidade militar de defesa.

DOI 10.21544/2446-7014.n162.p08.



## O novo míssil hipersônico chinês e suas principais implicações

Rodrigo Ribeiro

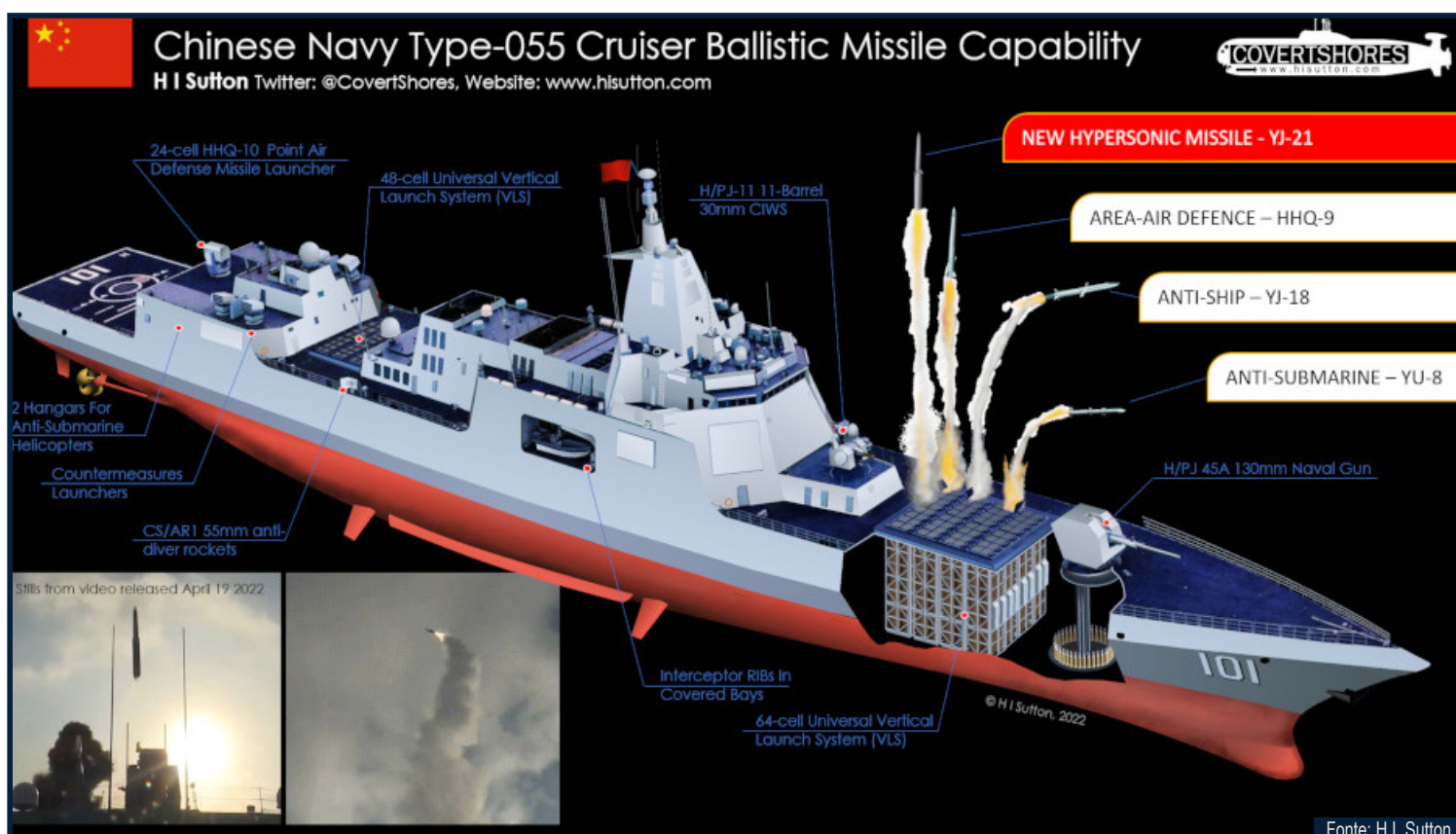
O extenso programa de mísseis antinavio da China continua recebendo grande protagonismo dentro das Forças Armadas do país. No dia 22 de abril deste ano, a China divulgou um vídeo de um teste bem-sucedido do seu míssil hipersônico antinavio *YJ-21*, demonstrando que o armamento estaria pronto para uso em combate. Além disso, imagens recentes de satélites estadunidense revelaram diversos locais de testes de mísseis, na província chinesa de Xinjiang, com estruturas que simulam navios norte-americanos e bases navais. Levando estes fatores em consideração, qual seria o impacto do novo míssil hipersônico *YJ-21* sobre os principais objetivos estratégicos da China?

Estima-se que o novo míssil hipersônico antinavio *YJ-21* tenha um alcance entre 1.000 km e 1.500 km. Além disso, os mísseis hipersônicos podem atingir velocidades acima de 6.000 km/h e possuem uma trajetória de voo imprevisível. Por conta dessas características, nenhum sistema de defesa da atualidade é capaz de parar um ataque de mísseis desta categoria. Nesse sentido, Pequim pretende utilizar o *YJ-21* a bordo de seus contratorpedeiros da classe *Type-055* (o mais moderno da Marinha chinesa) que constituiriam um importante instrumento de dissuasão contra os porta-aviões e demais alvos prioritários da Marinha dos Estados Unidos

presentes no entorno estratégico chinês.

Além de possuir caráter dissuasório, o novo míssil hipersônico chinês também pode ser utilizado logo nos primeiros estágios de uma eventual operação chinesa de retomada de Taiwan. Em um dos locais de testes citados anteriormente, foi possível identificar uma estrutura com um formato muito similar a uma base naval taiwanesa. Assim, uma vez que Taipei não possui capacidades defensivas contra esse armamento, existe a possibilidade de que os navios de superfície taiwaneses sejam avariados ainda atracados.

Portanto, o novo míssil hipersônico *YJ-21* eleva o potencial do programa de mísseis antinavio da China, atuando como importante instrumento de dissuasão contra a presença de navios inimigos em seu entorno estratégico. Assim, além de impedir intervenção estrangeira em uma retomada de Taiwan, Pequim ameaça diretamente a Esquadra taiwanesa. Ademais, ao utilizar seus mísseis hipersônicos a bordo dos contratorpedeiros *Type-055*, a China também garante maior projeção de poder sobre o Mar do Sul da China e torna-se capaz de operar com maior segurança dentro das cadeias de ilhas que dificultam o acesso da Marinha da China ao Oceano Pacífico.



## Índia e Austrália assinam acordo de parceria econômica estratégica

Rebeca Leite

Em 2 de abril de 2022, Índia e Austrália assinaram o Acordo de Cooperação Econômica e Comércio Austrália-Índia. O acordo foi resultado do amadurecimento na relação bilateral, comercial e diplomática entre ambos os países. As negociações tiveram início em 2011, porém, foram suspensas em 2015. Em 2021, o diálogo foi retomado e, em sete meses, o acordo foi assinado. Diante de tamanha rapidez, cabe analisar o quão significativo é este acordo.

Inicialmente, trata-se do primeiro acordo comercial firmado entre a Índia e uma economia desenvolvida, após mais de uma década. Nesse sentido, espera-se que este impulse sobremaneira o comércio bilateral, uma vez que eliminará e/ou reduzirá as tarifas de mercadorias e barreiras comerciais. A estimativa dos governos é que o comércio deverá dobrar para US\$ 50 bilhões em cinco anos, ultrapassando os atuais US\$ 27 bilhões. Para a Índia, estabelecer um acordo desse porte, sinaliza a outros países desenvolvidos que o país está economicamente e politicamente pronto para concluir outros acordos e, assim, diversificar cada vez mais as suas relações comerciais. Apesar das prerrogativas de redução de tarifas, o governo indiano foi estratégico

ao conseguir manter protegido o seu setor de laticínios, evitando qualquer redução tarifária no âmbito do acordo. Excluiu, também, os itens agrícolas mais sensíveis, bem como a prata, a platina, jóias e minério de ferro, itens sob os quais nenhuma concessão foi estendida.

Há de se mencionar que a instabilidade geopolítica de ambos os países, sobretudo no que se refere à presença da China no Indo-Pacífico, pode explicar a rapidez e o engajamento para que este acordo fosse estabelecido. A Austrália, por um lado, busca reduzir a sua dependência comercial da China, ao passo que a Índia busca difundir suas credenciais como um país seguro para estabelecer parcerias e fazer negócios.

Nota-se que a geopolítica está impulsionando a agenda econômica, sobretudo na região do Indo-Pacífico, onde Índia e Austrália estão despendendo esforços para assegurar suas prioridades estratégicas, vide o Acordo de Compartilhamento de Logística Mútua (2020), que permite que os dois países usem suas respectivas bases militares para apoio logístico na região. Portanto, em meio a crescente presença chinesa, uma parceria confiável e cada vez mais estreita torna-se indispensável.

DOI 10.21544/2446-7014.n162.p10.

## ÁRTICO & ANTÁRTICA

### O Ártico descarbonizado: a geopolítica da transição energética em Svalbard

Raphaella Costa

Svalbard é um arquipélago único, parte do território norueguês desde 1920 a partir da assinatura do Tratado de Svalbard. Ao longo da história, a economia das ilhas foi majoritariamente baseada na mineração de carvão comercial. No entanto, por se tratar de uma fonte energética poluente, recentemente o governo norueguês tem lançado políticas em direção a soluções mais verdes. Tendo em vista esse cenário, qual seria a importância estratégica da permanência de noruegueses e russos em Svalbard e os benefícios regionais na busca por energias mais limpas?

O Ártico abriga condições climáticas extremas, o que torna complexo o acesso às fontes de energias renováveis. O sistema a ser implementado pela Noruega inclui uma *Combined Heat and Power Plant* (CHP), permitindo a combinação de tecnologia a diesel, multicomcombustível e fontes de energia renovável. Em janeiro deste ano, a cidade de Longyearbyen, em Svalbard, adquiriu uma grande bateria, uma das maiores de toda a Escandinávia,

com o objetivo de melhorar a segurança de abastecimento, reduzir as despesas com combustível e as emissões de gases poluentes. Esta foi a primeira grande iniciativa rumo a um arquipélago mais limpo de forma a viabilizar o fornecimento de energia com zero emissões de carbono, impulsionando mudanças em outras localidades do Ártico.

No entanto, a transição energética não é realidade para a totalidade do arquipélago. Segundo o Tratado de Svalbard, qualquer nação signatária tem igualdade industrial, marítima e comercial para explorar os recursos e o território das ilhas. Neste cenário, enquanto a Noruega implanta projetos para se aproximar da transição energética, esse é um desafio para a cidade mineira russa de Barentsburg. A capacidade da Rússia permanecer ativa em Svalbard está ligada às suas atividades de extração de recursos, principalmente carvão. Ao mesmo tempo, deve-se ter especial atenção aos interesses russos de garantirem sua segurança no Ártico, o que inclui como pré-requisito »

a sua permanência em mais um território, impulsionando as discussões sobre a soberania do arquipélago.

Considerando a singularidade de Svalbard, habitada majoritariamente por população norueguesa e russa, ambos os países vêm a importância de firmar sua permanência estratégica também em termos econômicos. No entanto, guardam critérios divergentes, sendo a

Noruega defensora da transição energética renovável e a Rússia economicamente dependente da extração do carvão como garantia da permanência estratégica no território. Assim, estes desafios geopolíticos criam obstáculos para que Svalbard atinja o objetivo de zero emissões de carbono e de utilização majoritária de energias mais limpas.



DOI 10.21544/2446-7014.n162.p10-11.

## A Consolidação da Política Antártica Indiana

*Gabriele Hernandez*

No último mês, a Índia introduziu em seu Parlamento o projeto de lei para a Política Antártica Indiana 2022, documento responsável pela regulamentação das atividades do país em solo antártico sob escopo dos acordos do Sistema do Tratado da Antártica. A Índia é um ator crescente na Antártica, região que faz parte de seus interesses estratégicos. No entanto, o país não dispõe de um documento que oriente sua atuação no continente austral. O que esse novo projeto de lei representa para a política indiana na Antártica?

Atualmente o Tratado da Antártica conta com 29 membros-consultivos com poder de voto no sistema, que atuam presencialmente no continente. O desafio é distinguir quais são os interesses de cada um dos países na região. Uma política antártica é essencial para definir o que será feito em um determinado programa antártico e quais são os interesses e objetivos daquele Estado na região a médio e longo prazos. A Índia nunca teve um plano que estabelecesse as diretrizes de sua presença na Antártica. O projeto de lei para a Política Antártica Indiana deve preencher esse *gap*. O documento reforma

os termos do tratado e define as consequências legais que se deve tomar caso ocorram violações na condução de seu programa antártico. Ademais, propõe a criação de um fundo destinado à proteção ambiental.

O país se tornou membro consultivo do tratado em 1983, e desde então construiu três estações de pesquisa, sendo duas permanentes. Os interesses indianos em explorar economicamente o Indo-Pacífico aproximam a Antártica de seus projetos de segurança energética, uma vez que toda aquela região oceânica dispõe de reservas de petróleo. Além disso, tendo a segunda maior população mundial e um mercado em constante expansão, é vantajoso se fazer presente na maior reserva de água doce potável do mundo e de diversas outras riquezas naturais.

Preocupar-se com a preservação ambiental na Antártica não é apenas uma questão ecológica para os Estados interessados na região, mas também um eventual subterfúgio para micro disputas territoriais limitadas pelo Tratado. Nesse sentido, o projeto de lei indiano abre precedente para que o país explore melhor tal possibilidade. Com a vizinha China expandindo sua

atuação no continente de forma tão eficaz e rápida que os demais países não conseguem acompanhar, é importante

para a Índia utilizar os recursos disponíveis para salvaguardar seus interesses na região.



DOI 10.21544/2446-7014.n162.p11-12.

## TEMAS ESPECIAIS

### Cibersegurança: instrumento de projeção regional iraniana

Amanda Marini e Raquel Sipri

Um dos ciberataques de maior notoriedade internacional ocorreu em 2010 em infraestruturas iranianas, o que comprometeu o programa nuclear do país à época. O episódio ficou conhecido como *Stuxnet* e, desde então, o Irã tem concentrado seus esforços em aumentar as operações no ciberespaço, e desenvolver sua estratégia cibernética. Passados 12 anos, o país é considerado um dos protagonistas nessa área em seu entorno regional, expandindo sua influência e fornecendo apoio cibernético, treinamento e tecnologia, como por exemplo, ao Hezbollah. Dessa forma, evidencia-se a característica híbrida do ciberespaço, onde as ameaças afetam não apenas *softwares*, mas também *hardwares*, trazendo consequências em diversos setores, sejam eles políticos, militares, econômicos ou sociais. Nesse sentido, é importante analisar o comportamento do país persa na área de cibersegurança, discutindo algumas das razões que o levaram a investir em sua atuação no ciberespaço e a adotar uma agenda militar híbrida.

Em primeiro lugar, observa-se que, através do ciberespaço, a Guarda Revolucionária Iraniana (IRGC,

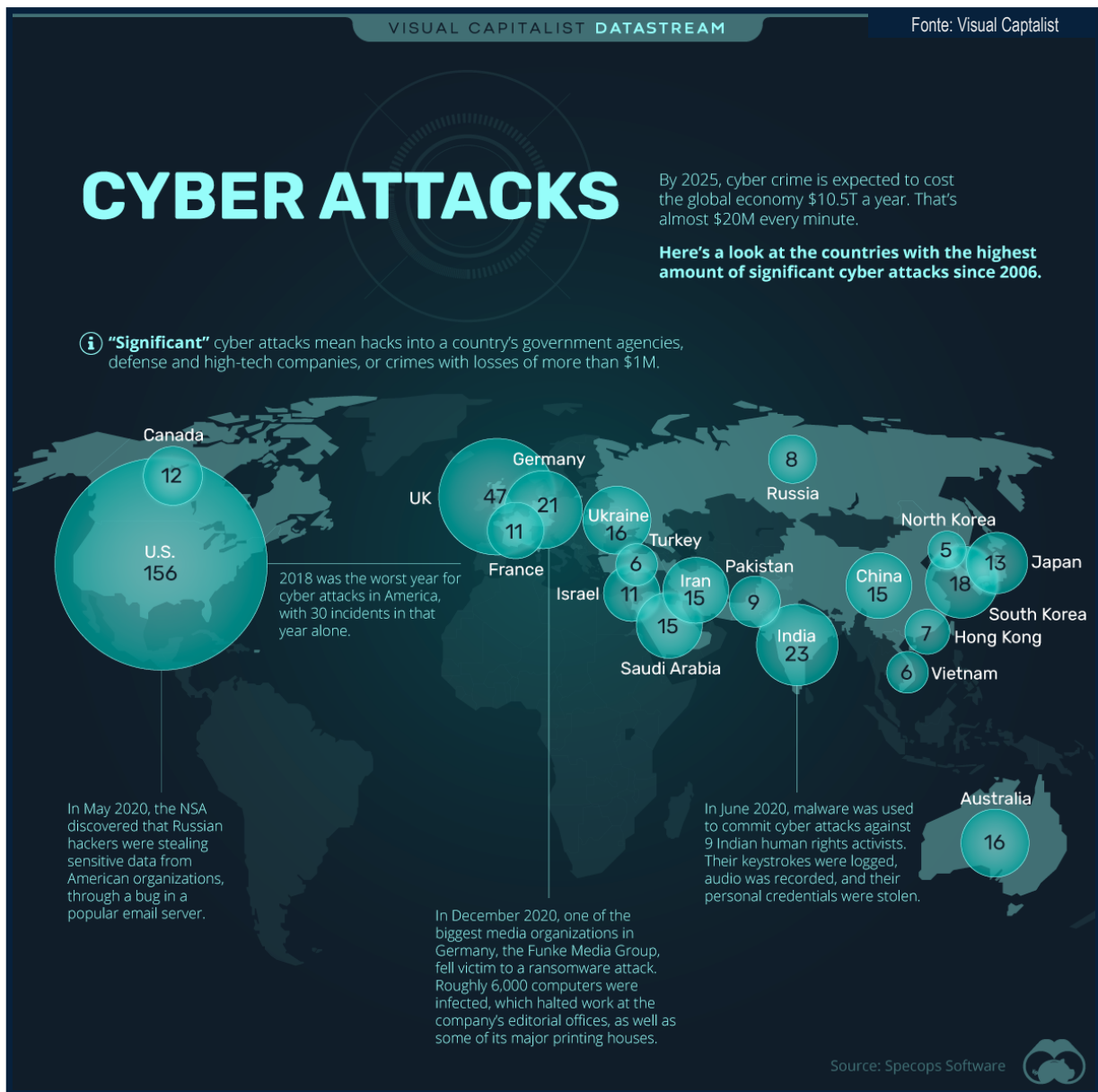
sigla em inglês) se projeta ideologicamente, em escala regional e internacional, com vistas a promover uma boa imagem do regime político. Esse aspecto psicológico, decorrente de sua ação cibernética, afeta diretamente sua sobrevivência, à medida que convence a opinião pública da sua solidez e reputação, assim como dissuade os oponentes estatais e não-estatais de eventuais iniciativas de intervenção.

Ademais, percebe-se que há interesse em utilizar as operações cibernéticas e de informação como complemento fundamental para sua estratégia híbrida. Essas atividades abrangem operações de espionagem, ciberguerrilha, sabotagem cibernética e ações de *hacking*. O apoio ao Hezbollah se apresenta como exemplo dessa manobra. Como resultado, a dimensão híbrida, característica do ciberespaço, está presente na doutrina da política internacional do país e, somada à sua máquina de propaganda e guerra de informação, fez com que o Irã se tornasse um ator sofisticado na área e um protagonista em termos de influência cibernética, semelhante à China e à Rússia.



Desse modo, compreende-se que Teerã enxergou no ciberespaço um ambiente estratégico eficiente para sua projeção, tornando-se ator relevante, utilizando a guerra

híbrida como instrumento para a consecução de sua política internacional.



DOI 10.21544/2446-7014.n162.p13.

- ▶ [Breaking the Black Sea Blockade](#)  
COMMENT IS FREED, Lawrence Freedman
- ▶ [UK's strong Ukraine support hides a less glorious past](#)  
CHATAM HOUSE, John Kampfner
- ▶ [The Pillars Necessary for a Strong Domestic Semiconductor Industry](#)  
CSIS, Charles Wessner, Sujai Shivakumar, Thomas Howell
- ▶ [The second coming of Nato: The alliance has been revived – but it can't save the West](#)  
THE NEW STATESMAN, Adam Tooze
- ▶ [War of Narratives: Russia and Ukraine](#)  
RUSI, Emma Butcher

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Guilherme Carneiro e Maria Eduarda Parracho

**MAIO**

Principais eventos de 25 a 31 de maio

**25**



**NORUEGA**

TÉRMINO DA SESSÃO  
MINISTERIAL DO CBSS

**29**



**COLÔMBIA**

PRIMEIRO TURNO  
DAS ELEIÇÕES  
PRESIDENCIAIS

**29**



**ISRAEL**

FIM DO EXERCÍCIO  
ISRAELENSE  
CHARIOTS OF FIRE

**JUNHO**

Principais eventos de 01 a 08 de junho

**02-03**



**SUÉCIA**

ESTOCOLMO +50:  
CONFERÊNCIA DA  
ONU SOBRE O MEIO  
AMBIENTE

**03**



**TUNÍSIA**

FINAL DO  
EXERCÍCIO  
MILITAR PHOENEX  
EXPRESS 2022

**03**



**ESTÔNIA**

FINAL DO  
EXERCÍCIO  
MILITAR  
HEDGEHOG

**05**



**POLÔNIA**

INÍCIO DO  
EXERCÍCIO  
MILITAR RAMSTEIN  
LEGACY 2022 -  
OTAN

## REFERÊNCIAS

- **Queda das sanções? O caso dos Estados Unidos e Venezuela**  
JACOBS, J.; FLATLEY, D.; SINK, J.; ZERPA, F. [US to Ease Sanctions on Venezuela. Enabling Cargoes to Europe](#). *Bloomberg*, Nova Iorque, 17 maio 2022. Acesso em: 19 maio 2022.  
SCHMIDT, S.; DEYOUNG, K.; FAIOLA, A. [Biden administration begins easing restrictions on Venezuelan oil](#). *The Washington Post*, Washington, 17 maio 2022. Acesso em: 19 maio 2022.
  - **Malexit: o fim do G-5 do Sahel?**  
[Niger President says Mali's withdrawal marks 'death' of G5 Sahel alliance](#). *AfricaNews*, Lyon, 18 mai 2022. Acesso em: 21 maio 2022.  
[Mali e Rússia negociam envio de armas, trigo e petróleo](#). *Deutsche Welle*, Bonn, 20 mai 2022. Acesso em: 21 maio 2022.
  - **Adesão da Finlândia e da Suécia à OTAN e as relações de poder no norte da Europa?**  
CHIVVIS, C. [The Dilemma at the Heart of Finland's and Sweden's NATO Membership Bids](#). *Carnegie Endowment for International Peace*. *Carnegie Endowment For International Peace*, Washington, 14 abr. 2022. Acesso em: 21 abr. 2022.  
GRAMER, R.; MACKINNON, A. [Finland May Finally Want In on NATO. Sweden is not far behind](#). *Foreign Policy*, Washington, 8 abr. 2022. Acesso em: 21 abr. 2022..
  - **A insegurança alimentar no Oriente Médio e as consequências do conflito na Ucrânia**  
SIDDIQA, A. [Ukraine war and Middle East food sovereignty](#). *The Express Tribune*, Karachi, 23 abr. 2022. Acesso em: 21 maio 2022.  
NJIRAINI, J. [Middle East and North Africa: Embracing Modern Solutions to Ensure Better Food Security](#). *AgriBusiness Global*, Willoughby, 9 maio 2022. Acesso em: 21 maio 2022.
  - **O "Escudo de Silício" Taiwanês e seu poder de dissuasão**  
GIBSON, Liam. [Taiwan's 'silicon shield': Why island may not be the next Ukraine](#). *Al Jazeera*, Doha, 1 abr. 2022. Acesso em: 03 maio 2022  
[Taiwan vai controlar 48% do fabrico global de chips em 2022](#). *PPLWARE*, 25 abr. 2022. Acesso em: 03 maio 2022.
  - **O novo míssil hipersônico chinês e suas principais implicações**  
KADAM, T. [China's 'Chilling Plan' Unmasked As PLA Holds Drills To Bomb US Military Base In Guam & 'Ally' Taiwan](#). *The Eurasian Times*, Nova Delhi, 16 mai. 2022. Acesso em: 18 maio 2022.  
CHAN, M. [Chinese navy shows off hypersonic anti-ship missiles in public](#). *South China Morning Post*, Hong Kong, 20 abr. 2022. Acesso em: 19 maio 2022.
  - **Índia e Austrália assinam acordo de parceria econômica e estratégica**  
SEN, Amity. [All about India-Australia Economic Co-operation and Trade Agreement](#). *The Hindu Business Line*, Chennai, 04 abr. 2022. Acesso em: 19 maio 2022.  
AUSTRÁLIA. *Department of Foreign Affairs and Trade*. [Australia-India ECTA official text](#). 2022. Acesso em: 19 maio 2022.
  - **O Ártico descarbonizado: a transição energética em Svalbard, Noruega**  
AQUILINA, E. [Arctic Towns in Transition: Norway's commitment towards a new energy solution on Svalbard](#). *The Arctic Institute*, Washington, 10 mai. 2022. Acesso em 19 maio 2022.
  - **A Consolidação da Política Antártica Indiana**  
SABHA, L. [The Indian Antarctic Bill](#). *PRS Legislative Research*, Nova Delhi, 01 abr. 2022. Acesso em: 21 maio 2022.  
ROY, Esha. [Explained: The Indian Antarctic Bill introduced in Lok Sabha](#). *Indian Express*, Noida, 5 abr. 2022. Acesso em: 21 maio 2022.
  - **Cibersegurança: instrumento de projeção regional iraniana**  
YOUNG, B. [How Iran Built Hezbollah Into a Top Cyber Power](#). *The National Interest*, Washington, 11 abr 2022. Acesso em 19 mai 2022.  
PAHLAVI, P. [La stratégie de cyber-influence de la République islamique d'Iran](#). *Le Rubicon*, Paris, 7 abr 2022. Acesso em 19 mai 2022.
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa

### ► ALTO RISCO:

- AFEGANISTÃO - Crise estrutural: [Afghanistan's new poor line up for aid to survive as food crisis bites](#). **CNN**, 22 mai. 2022. Acesso em: 22 mai. 2022.
- BELARUS - Tensão regional: [Belarus Defence Ministry Claims NATO Military Exercises 'lack Minimal Transparency'](#). **Republic World**, 20 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.
- HAITI - Crise estrutural e instabilidade fronteiriça: [Aumentan las muertes por la violencia de los pandilleros en Haití](#). **Listin Diario**, 23 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.
- IÊMEN - Guerra civil e crise humanitária: [Chief of Yemen's Presidential Council backs extending UN-brokered truce](#). **Arab News**, 22 mai. 22. Acesso em: 23 mai. 2022.
- LESTE EUROPEU - Tensões com a Rússia e crise migratória: [The Ukraine crisis may reinvigorate Eastern European democracies](#). **The Washington Post**, 23 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.
- LÍBANO: Crise estrutural: [Hezbollah grip on Lebanon must end, says Christian leader](#). **France 24**, 21 mai. 22. Acesso em: 23 mai. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar military arrests pastors](#). **Mission Network News**, 23 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Russia-Ukraine live news: Zelenskyy calls for 'maximum' sanctions](#). **Al Jazeera**, 22 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.
- SRI LANKA - Crise estrutural: [Defaults on debt, Sees Inflation Reaching 40%: Sri Lanka Latest](#). **Bloomberg**, 19 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.
- SUDÃO - Golpe de Estado Sudan: [Coup Authorities Release Leading Sudan Communists](#). **All Africa**, 22 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

### ► MÉDIO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Armenia-Azerbaijan Joint Commission To Meet At Border 'Soon,' EU Says](#). **Radio Free Europe**, 23 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.
- BURKINA FASO - Instabilidade sóciopolítico: [Au Burkina, une quarantaine de morts dans trois attaques de djihadistes présumés samedi](#). **Le Monde**, 16 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.



• ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ethiopia's Tigray forces announce release of thousands of POW](#). **Aljazeera**, 19 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [Paris maneuvering to pass agenda in Libya as world's eyes fixed on Ukraine](#). **The Libya Observer**, 22 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• MALI - Tensão regional: [Civilian killings soar as Russian mercenaries join fight in West Africa](#). **The Washington Post**, 23 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• SÍRIA - Insegurança regional: [UN Praises 'Potential' of Syria Prisoner Amnesty](#). **VOA News**, 22 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuelan Government To Sell Shares Of Its State Company](#). **Global Americans**, 20 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

► EM MONITORAMENTO:

• COLÔMBIA - Conflito fronteiriço: [Arauca: la vida en medio de la guerra entre Eln y disidencias de las Farc](#). **El Tiempo**, 18 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• COREIA DO NORTE- Teste de mísseis: [North Korea fires missiles hours after Biden leaves Asia](#). **BBC News**, 25 mai. 2022. Acesso em 25 mai. 2022.

• EL SALVADOR - Instabilidade social: [Gang violence crackdown sees 30,000 arrested in El Salvador](#). **Euronews**, 20 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• FINLÂNDIA E SUÉCIA - Tensão Regional (NOVO NO MAPA): [Finlândia e Suécia já formalizaram pedido de adesão à NATO](#). **DW News**, 18 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• GUINÉ - Golpe de Estado: [Guinea Junta Bans Protests After Announcing Transition Timeline](#). **Bloomberg**, 14 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Collaboration, pathway to taming piracy in Gulf of Guinea](#). **NNN**, 21 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• ISRAEL E PALESTINA - Tensões regionais: [Israel: EU Parliament official focused on Palestine denied entry](#). **Al Jazeera**, 22 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• MAR DO SUL DA CHINA- Novos exercícios militares na região: [Philippine Coast Guard Stakes Out "Sovereign Markers" in S. China Sea](#). **The Maritime Executive**, 22 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique Approves Tough Anti-terror Bill](#). **VOA News**, 20 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [Dirigente de oposição ao governo de Ortega é preso na Nicarágua](#). **O Globo**, 18 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• PAQUISTÃO - Conflito fronteiriço: [Pakistan's Relations With Taliban Regime Worsen](#). **The Diplomat**, 19 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• PERU - Instabilidade política: [Peru's President Replaces Four Ministers as Crisis Escalates](#). **Bloomberg**, 22 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Somalia's New President Faces Familiar Political, Security Challenges](#). **VOA News**, 22 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.

• TAIWAN - Embate China-EUA: [Biden Says He Would Use Force To Defend Taiwan](#). **Nikkei Asia**, 23 mai. 2022. Acesso em: 23 mai. 2022.